

## CERÂMICAS DE IRARÁ: A ARTE DA TRADIÇÃO QUILOMBOLA COMO POTENCIAL IG NO INTERIOR DA BAHIA UMA ANÁLISE A PARTIR DO MÉTODO SEBRAE

Alcides dos Santos Caldas<sup>1</sup>, Joicy Santamalvina dos Santos<sup>2</sup>, Juliana Cerqueira Melo<sup>3</sup>,  
Juliana Viena Miguel<sup>4</sup>, Leoncio Airan de Jesus Pimenta dos Santos<sup>5</sup>,  
Maria Clara Sena dos Santos Ramalho<sup>6</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o potencial de Indicação Geográfica (IG) das Cerâmicas de Irará, município localizado a 133 km de Salvador, no estado da Bahia. A pesquisa foi baseada na aplicação do Método SEBRAE para Diagnóstico de Potencial de IG. A metodologia da pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo, fundamentou-se em revisão bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas realizadas com artesãos e agentes institucionais locais. Os resultados indicam que a produção de cerâmica vinculada à tradição quilombola da comunidade da Olaria apresenta forte vínculo territorial e relevância sociocultural, configurando-se como patrimônio transmitido entre gerações. No entanto, a ausência de organização formal, de estratégias de governança e de padronização dos produtos constitui obstáculo à consolidação do processo de IG. Conclui-se que o reconhecimento das Cerâmicas de Irará como IG é tecnicamente viável embora condicionado à superação de fragilidades estruturais, sobretudo nas dimensões de governança coletiva e documentação técnica.

**Palavras-chave:** indicação geográfica; cerâmica; Irará; desenvolvimento territorial.

- 1 Doutor. Professor vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT) e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, Brasil. E-mail: [alcides.caldas@ufba.br](mailto:alcides.caldas@ufba.br).
- 2 Doutora. Professora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT), Instituto de Química, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, Brasil. E-mail: [joicy.santamalvina@ufba.br](mailto:joicy.santamalvina@ufba.br).
- 3 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, Brasil. E-mail: [julianamelopmo@gmail.com](mailto:julianamelopmo@gmail.com).
- 4 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, Brasil. E-mail: [julianavmiguel@gmail.com](mailto:julianavmiguel@gmail.com).
- 5 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, Brasil. E-mail: [airanpimenta@outlook.com](mailto:airanpimenta@outlook.com).
- 6 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, Brasil. E-mail: [mclara.ramalho25@gmail.com](mailto:mclara.ramalho25@gmail.com).

-- ARTIGO RECEBIDO EM 25/11/2025. ACEITO EM 26/05/2026. --

# IRARÁ CERAMICS: THE ART OF THE QUILOMBOLA TRADITION AS POTENTIAL IG IN THE INTERIOR OF BAHIA AN ANALYSIS BASED ON THE SEBRAE METHOD

**Abstract:** This article analyzes the potential for a Geographical Indication (GI) for the ceramics of Irará, a municipality located 133 km from Salvador, in the state of Bahia. The research was based on the application of the SEBRAE Method for Diagnosing GI Potential. The research methodology, which employed a qualitative approach and was exploratory and descriptive in nature, was based on a literature review, documentary research, and interviews conducted with local artisans and institutional representatives. The results indicate that the production of ceramics linked to the Quilombo tradition of the Olaria community has strong territorial ties and sociocultural relevance, constituting intangible heritage passed down through generations. However, the absence of formal organization, governance strategies, and product standardization constitutes an obstacle to the consolidation of the GI process. It is concluded that the recognition of Irará Ceramics as a GI is technically feasible, although contingent upon overcoming structural weaknesses, particularly in the areas of collective governance and technical documentation.

**Keywords:** geographical indication; ceramics; Irará; territorial development.

## 1 INTRODUÇÃO

A articulação entre patrimônio cultural e instrumentos de valorização econômica tem se consolidado como estratégia relevante para o desenvolvimento territorial no Brasil. Neste contexto, as cerâmicas de Irará, produzidas por comunidades quilombolas no interior da Bahia, configuram-se como um bem cultural com potencial de valorização econômica (Santos, 2010).

Assim, torna-se essencial proteger bens que expressam traços singulares de determinadas regiões e comunidades, marcados por herança, história e tradições, por meio do registro de Indicação Geográfica (IG). Tal instrumento tem por finalidade distinguir a origem geográfica de um produto ou serviço (INPI, 2021).

Nessa perspectiva, conforme assinalam Menapace e Moschini (2024), a IG reconhece a notoriedade do produto ou serviço quando este apresenta qualidades ou características intrinsecamente vinculadas ao seu território de origem. Segundo Török *et al.* (2020), o impacto real das indicações geográficas transcende a mera identificação da origem, repercutindo também em dimensões econômicas, sociais e territoriais.

Regidas pela Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996 (Lei de Propriedade Industrial), as IGs se dividem em duas modalidades. A Indicação de Procedência (IP) confere proteção ao nome geográfico reconhecido como centro de produção ou fabricação de determinado produto (INPI, 2021). A Denominação de Origem (DO), por sua vez, exige vínculo mais rigoroso, sendo reservada a produtos cujas características singulares decorrem, essencialmente, do meio geográfico, abrangendo fatores naturais e humanos (INPI, 2021).

Para Crescenzi *et al.* (2021), a IG integra os sistemas territoriais de qualidade, nos quais a reputação do produto resulta da articulação entre fatores naturais, saberes locais e organização social. Belletti e Marescotti (2011) acrescentam que o êxito de uma IG depende, em larga medida, da capacidade dos atores locais de construir estruturas coletivas de governança que possibilitem a codificação e a proteção do saber-fazer. Desta forma, o

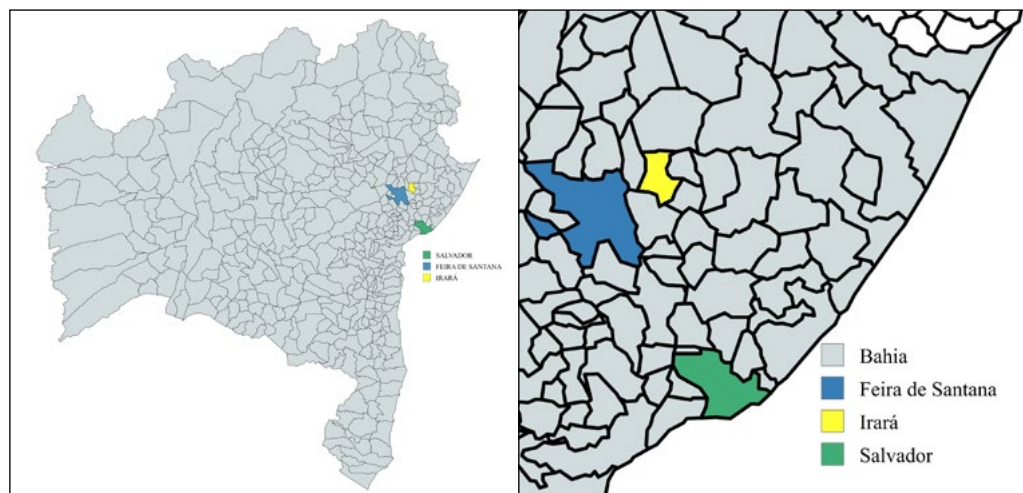
registro de IG pode ser considerado como alternativa relevante para o desenvolvimento regional, especialmente no campo do artesanato (Silva *et al.*, 2025).

Nessa dinâmica, a governança territorial assume papel determinante, pois a competitividade desses sistemas produtivos depende da capacidade dos artesãos de se organizarem coletivamente para gerir, proteger e comercializar o saber-fazer local. É nesse contexto que se insere o objeto do presente estudo: as Cerâmicas de Irará.

O município de Irará (Figuras 1 e 2), situado no interior da Bahia e com área aproximada de 267,8 km<sup>2</sup>, destaca-se por abrigar cinco comunidades quilombolas oficialmente reconhecidas: Baixinha, Olaria, Pedra Branca, Massaranduba e Tapera Melão. Geograficamente, o município situa-se em uma zona de transição única, entre o Recôncavo e o semiárido, característica que se manifesta em seu clima mais seco, na presença de solos rasos e pedregosos e em uma cobertura vegetal que combina elementos da Floresta Tropical e da Caatinga. Tal configuração ambiental exerce influência sobre a disponibilidade de recursos naturais usados na produção de cerâmica.

Estruturalmente, o município é dividido entre a zona urbana (o distrito-sede) e uma extensa zona rural, e sua proximidade estratégica com grandes centros regionais como Feira de Santana (39 km) e Salvador (133 km) é um fator crucial que sustenta sua dinâmica socioeconômica e a integração regional.

Figuras 1 e 2 – Localização e Contexto Geográfico do Município de Irará (BA)



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A cerâmica quilombola, profundamente enraizada na Comunidade da Olaria, no município de Irará, configura-se como uma prática produtiva tradicional de base quilombola (Santos, 2010). Localizada a cerca de cinco quilômetros do centro da cidade, às margens da rodovia BA-504, que liga Irará a Santanópolis e Feira de Santana, a Comunidade da Olaria se encontra entre as serras do Urubu e do Periquito. O nome do povoado reflete sua principal atividade tradicional: o ofício de oleiro.

Diante desse cenário, emerge a seguinte questão de pesquisa: em que medida a produção cerâmica de Iará (BA) atende aos requisitos necessários para o reconhecimento como Indicação Geográfica, a partir da aplicação do método SEBRAE?

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar o potencial da cerâmica de Iará para reconhecimento como IG, considerando dimensões territoriais, produtivas e organizacionais no contexto quilombola. Os objetivos específicos são: (i) analisar a evolução da produção cerâmica, com foco nos saberes tradicionais; (ii) examinar os fatores naturais e produtivos que contribuem para a singularidade do produto; (iii) aplicar o método SEBRAE de avaliação do potencial de IG; (iv) avaliar notoriedade, organização produtiva e governança local; (v) sistematizar potencialidades e limitações para o reconhecimento como IG.

A presente pesquisa foi dividida em quatro seções, da seguinte forma: A primeira seção corresponde à Introdução, detalhando o conceito de Indicação Geográfica e o papel socioeconômico do artesanato quilombola em Iará. Na segunda, é apresentada a Metodologia, focada na aplicação dos critérios de avaliação do Método SEBRAE ao caso das Cerâmicas de Iará e especificando os passos e as ferramentas utilizadas para a coleta e análise de dados.

A terceira seção destina-se aos resultados e discussão, onde se apresentam os achados em relação aos fatores humanos e naturais que conferem singularidade ao produto, bem como a discussão da relevância e da viabilidade econômica do processo de Indicação Geográfica.

Por fim, a quarta seção destina-se às Considerações Finais, apresentando as respostas ao problema de pesquisa, a síntese dos achados e as recomendações práticas para o processo de formalização da Indicação Geográfica.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Metodologia**

O presente estudo foi estruturado com base em uma abordagem qualitativa, apropriada para a compreensão aprofundada de fenômenos sociais em seu contexto real, valorizando significados, práticas e percepções dos atores envolvidos (Gil, 2008; Sampieri; Collado; Lucio, 2013).

Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e exploratória. Descritiva por buscar mapear as características da produção cerâmica em Iará e a forma como se articula com o território, a tradição e os atores locais; e exploratória por investigar elementos culturais, como a herança quilombola, e avaliar o potencial de reconhecimento de IG a partir do método Sebrae (SEBRAE, 2020; 2021).

Adotou-se o método dedutivo, partindo de referenciais teóricos e legais gerais para analisar o caso específico da cerâmica de Iará, em linha com a aplicação de modelos conceituais a contextos empíricos particulares, conforme discutem Sampieri, Collado e Lucio (2013).

Como método de procedimento, foram empregados o estudo de caso e a pesquisa documental, adequados para examinar sistemas produtivos locais de forma integrada. Como enfatiza Yin (2001), considerando, dessa forma, dimensões materiais e simbólicas, especialmente em situações nas quais o fenômeno está inserido em seu contexto real.

Assim, a coleta de dados envolveu três frentes principais e complementares, de modo a garantir a triangulação de fontes e a robustez interpretativa. A primeira foi a pesquisa bibliográfica, com revisão de literatura acadêmica e técnica sobre Indicações Geográficas, artesanato, desenvolvimento territorial e instrumentos de proteção coletiva.

A segunda frente consistiu em pesquisa documental, com levantamento de registros históricos, documentos institucionais, publicações oficiais, legislações e reportagens, utilizados para reconstruir a trajetória e a notoriedade da Cerâmica de Irará. Essa estratégia reforça a validade dos achados por meio da triangulação de dados, como destaca Minayo (2014).

A terceira frente correspondeu à realização de seis entrevistas semiestruturadas, caracterizadas pela combinação entre roteiro previamente definido e flexibilidade na condução das respostas - técnica central para a obtenção de dados primários. Nelas os participantes foram integralmente anonimizados, não sendo coletadas informações pessoais que permitissem sua identificação.

Baseando-se na resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, esta pesquisa não foi submetida à apreciação do sistema CEP/CONEP por se enquadrar no artigo 1º, Parágrafo Único, inciso VII. Tal dispositivo exclui, da obrigatoriedade de registro, pesquisas que visam ao aprofundamento teórico de situações emergentes da prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar os sujeitos envolvidos (BRASIL, 2016).

O roteiro das entrevistas foi elaborado com base nos critérios do Guia SEBRAE (2020; 2021), com as questões adaptadas à realidade sociocultural dos participantes, considerando que a maioria dos artesãos apresenta baixo grau de instrução formal. Essa adequação buscou assegurar a compreensão plena dos enunciados pelo público-alvo, a comparabilidade entre as respostas e a captação de nuances relevantes sobre o saber-fazer cerâmico (Silva; Quintella, 2021).

Importante destacar que, embora a linguagem das questões tenha sido simplificada, preservou-se a estrutura analítica original do método SEBRAE, garantindo a correspondência entre as respostas e as categorias diagnósticas.

O diálogo com os entrevistados foi conduzido *in loco* no Município de Irará (BA), no dia 11 de outubro de 2025, abrangendo feiras locais, oficinas e residências de artesãos, além de algumas conversas terem sido realizadas por ligação telefônica.

A seleção dos participantes ocorreu por amostragem não probabilística por conveniência, priorizando indivíduos com conhecimento aprofundado sobre a produção cerâmica e a organização social local, conforme os princípios da pesquisa qualitativa (Minayo, 2014). Em razão disso, foram selecionados artesãos em atividade, especialmente aqueles que comercializavam seus produtos em feiras locais e produtores reconhecidos na comunidade,

garantindo acesso a informações diretamente relacionadas à dinâmica produtiva e comercial da cerâmica.

O número de entrevistas foi condicionado às limitações de acesso aos participantes, em razão do baixo nível de escolaridade e da necessidade de aplicação presencial do instrumento, o que restringiu a ampliação da amostra. Ainda assim, o conjunto de entrevistas mostrou-se adequado para os fins da pesquisa qualitativa exploratória, considerando a profundidade das informações obtidas.

A aplicação do diagnóstico seguiu a metodologia proposta pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, intitulada Guia para Diagnóstico de uma Potencial Indicação Geográfica – Guia do Consultor (SEBRAE, 2020; 2021). Esta metodologia foi escolhida por sua dinâmica, precisão e adequação à forma como foram conduzidos o trabalho de campo e o contato com o público-alvo. A sua natureza mais objetiva e estruturada, fornece critérios claros de análise, o que permite a sistematização eficiente das informações coletadas.

Em vista disso, foi aplicado um questionário composto por 30 questões abertas adaptadas, conforme Tabela 2 em anexo, dividido em dois blocos: o primeiro, denominado “Questões Críticas”, contendo dois quesitos fundamentais voltados à verificação da viabilidade mínima de enquadramento da produção nas modalidades de IP ou DO.

O segundo bloco, denominado “Questões Estruturais”, contemplando os 28 quesitos restantes, que abrangem dimensões relacionadas ao produto, territorialidade, método de produção, cadeia produtiva, governança, identidade e senso de pertencimento, desempenho econômico, necessidade de proteção e visão de futuro.

Para a análise dos dados, as respostas das entrevistas foram inicialmente digitalizadas e sistematizadas por meio da plataforma *Google Forms*, com registro realizado em tempo real durante a aplicação das entrevistas, o que possibilitou padronização e armazenamento centralizado. Posteriormente, os dados foram exportados para planilhas e submetidos a duas etapas analíticas complementares.

A primeira etapa consistiu em uma análise qualitativa de conteúdo, na qual as respostas abertas foram integralmente lidas e categorizadas de acordo com os eixos analíticos do Guia SEBRAE. Esses já se encontram previamente definidos na própria estrutura do método, tais como territorialidade, governança, cadeia produtiva, identidade e desempenho econômico (Minayo, 2014).

As respostas foram agrupadas por similaridade temática a partir das perguntas fixas do instrumento, identificando padrões recorrentes, relações entre categorias e lacunas estruturais. Como exemplo de código analítico, trechos que mencionam o uso de pigmentos avermelhados e as condições de secagem natural das peças foram agrupados sob o código “influência do clima e solo local”, compondo o eixo de Territorialidade.

Relatos sobre a ausência de associação ativa e sobre a comercialização por atravessadores foram sistematizados sob o código “fragilidade de governança e cadeia produtiva”. A saturação teórica foi atingida quando as respostas apresentaram elevado grau de similaridade entre si, sem surgimento de novas informações relevantes.

A segunda etapa envolveu a aplicação do sistema de pontuação por critério, conforme previsto na metodologia aplicada, atribuindo-se 0 quando o critério não era atendido, 3 quando havia atendimento parcial e 5 quando o critério era plenamente atendido, com base nas respostas sistematizadas e na legislação vigente.

Essa pontuação teve caráter diagnóstico e não estatístico, funcionando como ferramenta para evidenciar pontos fortes e fragilidades da cadeia cerâmica frente aos requisitos da Portaria nº 4/2022 do INPI (Brasil, 2022), que estabelece os parâmetros para o reconhecimento de IGs no Brasil. Esse cotejo permitiu identificar, de forma mais precisa, em quais dimensões a cadeia produtiva das cerâmicas de Irará atende, atende parcialmente ou não atende às exigências legais para o pleito de reconhecimento.

## 2.2 Resultados e discussão

A análise das entrevistas e das observações de campo revelou que a produção cerâmica de Irará apresenta base cultural consolidada, com práticas artesanais diretamente vinculadas ao território quilombola. O diagnóstico também evidenciou, contudo, fragilidades estruturais significativas que limitam o avanço da cadeia produtiva e constituem obstáculos concretos ao reconhecimento formal da IG.

As notas atribuídas como critérios de avaliação do método do SEBRAE evidenciam que o potencial para o reconhecimento da cerâmica de Irará como DO é mediano (Tabela 1). Já os quesitos que avaliam este potencial, tiveram notas que provam que a fama do produto e a ligação dele com a região estão bem estabelecidas.

Há que se ressaltar que a cerâmica é muito conhecida no mercado local e regional, sendo vista pelos consumidores como um símbolo de autenticidade e tradição. Essa reputação é reforçada por alguns eventos, como as homenagens feitas pelo Movimento Cultural Viva Irará em 2019, o “Dia do Artesão e da Artesã” da Prefeitura em 2022 e o Encontro do Artesanato da Bahia, sediado neste município em 2023.

Mais recentemente, em 2024, o documentário “Irará: Entre Sabores e Saberes”, produzido pela fotógrafa Lucy Anunciação, confirmou o valor cultural da cerâmica, consolidando sua importância como patrimônio do município (Aldeia Nagô, 2024).

Também no ano de 2019, o jornal Correio publicou uma matéria a respeito da *Mostra Cultural Sabores e Saberes de Irará* em Salvador. De acordo com a publicação, o evento contou um pouco da produção de cerâmica como tradição que se perpetua desde o século XVII (Maynard, 2019). Em 2010, uma exposição no *Instituto Mauá, na Sala do Artista Popular (SAP)*, em Salvador, difundiu a arte iraraense com mais de 330 peças de cerâmica de traçado peculiar dos artesãos de comunidades rurais do município (Plug Cultura, 2010; Jornal Grande Bahia, 2010). Nesse mesmo ano, foi lançado o vídeo *Moradores de Irará transformam barro em artesanato*, que divulga o trabalho e conta a história desses artesãos (TV Olhos D’Água – TV UEFS, 2010).

Todos esses registros são provas atuais de notoriedade, atendendo ao que o INPI (2021) exige como comprovação pública do vínculo entre o nome geográfico e o produto.

Assim, a Tabela 1 apresenta, de forma sintética, as principais informações obtidas junto às ceramistas de Irará, com suas respectivas pontuações, conforme a metodologia aplicada.

Tabela 1 – Síntese do diagnóstico aplicado em pesquisa de campo obtidos a partir de entrevistas com os ceramistas de Irará.

<b>Critério</b>	<b>Síntese do Diagnóstico</b>	<b>Pontuação</b>
Potencialidade de uma DO	As evidências históricas e culturais reforçam uma forte ligação entre o produto e o território. O barro de Irará, em especial o extraído na Serra da Caboronga e na Olaria, é identificado como único e indispensável para as características da cerâmica local. Esse vínculo é complementado pelo saber-fazer transmitido entre gerações de mulheres quilombolas, que dominam a técnica artesanal como expressão de resistência cultural. No entanto, ainda não existem estudos científicos que comprovem tecnicamente a relação entre o barro e as propriedades do produto, o que limita a formalização como DO.	3
Produto	A cerâmica de Irará é um produto artesanal que combina utilidade e valor simbólico. As peças (painéis, frigideiras e fogareiros) são moldadas manualmente com barro local e queimadas em fornos rústicos. Cada artesã imprime seu estilo, mas preserva o formato e a coloração tradicional, conferindo identidade visual ao conjunto. Apesar da informalidade e da ausência de normas legais de produção, o produto é reconhecido por sua qualidade e resistência, sendo símbolo da cultura local.	3
Territorialidade	A produção cerâmica está concentrada na comunidade quilombola da Olaria, situada no município de Irará. Nessa localidade, as etapas de extração, modelagem, queima e comercialização são realizadas integralmente. O território da cerâmica coincide, portanto, com áreas de ocupação histórica de comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, o que reforça seu caráter identitário e coletivo. Porém, a delimitação geográfica ainda carece de formalização técnica.	5
Método de produção/cadeia produtiva	O método de produção mantém a lógica tradicional herdada das antepassadas: o barro é retirado da serra, depois ele seca ao sol, em seguida ele é peneirado, hidratado, amassado e modelado à mão. A queima ocorre em fornos improvisados e a comercialização é feita em feiras ou por atravessadores. Essa cadeia produtiva é curta e centrada nas famílias, especialmente nas mulheres. A ausência de equipamentos modernos e de controle de qualidade formal não diminui o valor cultural do processo, mas evidencia a necessidade de apoio técnico para garantir regularidade e segurança do produto.	1
Governança	A antiga associação de ceramistas não está mais ativa, e não há hoje uma entidade formal que represente o coletivo de artesãos. A gestão da produção é individual e informal, embora existam tentativas pontuais de reorganização pela prefeitura e lideranças locais.	1
Identidade e Senso de Pertencimento	A produção cerâmica é mais do que uma atividade econômica, é uma expressão da história e da resistência das comunidades quilombolas. O orgulho das ceramistas em manter viva a tradição herdada das mulheres negras escravizadas é evidente. O ato de "fazer o barro" carrega significados de ancestralidade, pertencimento e luta. Esse vínculo afetivo com o território e com o grupo fortalece a identidade coletiva e se reflete no desejo de transmitir o saber às novas gerações.	5
Desempenho econômico	A atividade representa uma importante fonte de renda para muitas famílias, ainda que de forma complementar. A produção é pequena e depende de fatores climáticos e do mercado local. Não há registros contábeis ou dados econômicos precisos, mas as vendas nas feiras garantem sustento básico e autonomia financeira parcial às artesãs.	1
Necessidade de proteção	Até o momento foi verificada a venda de cerâmicas de Maragogipinho-BA e de Sergipe nas feiras livres de Irará. Porém, a venda das peças produzidas em Maragogipinho-BA junto com as cerâmicas locais confundem o cliente, que acaba associando as primeiras também como de Irará, apesar das características distintas.	3
Pesquisa Envolvida	A cerâmica de Irará ainda não conta com pesquisas técnico-científicas que documentem as propriedades do barro ou as especificidades do processo artesanal. Contudo, a literatura acadêmica de Santos (2010, 2014) e de outros autores já reconhece o saber-fazer das comunidades como um patrimônio cultural e identitário. O envolvimento de universidades e institutos de pesquisa seria essencial para consolidar estudos de caracterização do barro e da técnica.	3
Visão de futuro	As artesãs demonstram vontade em manter a tradição viva e esperam que o reconhecimento oficial traga melhorias para a comunidade. Há expectativa de participação em feiras maiores, ampliação da renda e fortalecimento do turismo de experiência. A IG é vista como uma oportunidade de valorização cultural e de empoderamento das mulheres quilombolas. O desafio é transformar essa vontade em plano de ação coletivo, com apoio técnico e institucional.	3

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

O diagnóstico atribuiu notas elevadas à territorialidade, evidenciando a forte vinculação geográfica da produção e seu reconhecimento no mercado. Verificou-se que os produtores estão concentrados especialmente na região da Olaria, com uso predominante de insumos locais, o que favorece a delimitação da área para fins de Indicação Geográfica.

No que se refere ao saber-fazer, essa prática ultrapassa a dimensão econômica e se afirma como elemento central da identidade local, sobretudo em comunidades remanescentes de quilombo. O artesanato constitui uma atividade social que articula criatividade, trabalho manual e memória coletiva, configurando-se como expressão identitária vinculada ao território, correspondendo com o que explicam Mello e Froehlich (2022)

Esse saber tradicional identificado como predominantemente feminino e de transmissão intergeracional, tão bem tratado no trabalho de Santos (2010), converge com as observações de Madureira (2016) e de Ecléa Bosi (2003). Esta última ressalta que eles se reconstróem no espaço a partir do vínculo com o passado. No entanto, tal continuidade simbólica não substitui, no plano normativo, as exigências formais de organização coletiva estabelecidas pelo INPI.

Quanto às matérias-primas, a autenticidade das cerâmicas decorre da utilização de recursos locais, sobretudo da argila extraída de barreiros da região, que apresenta elevada plasticidade, e do tauá, pigmento natural de coloração avermelhada empregado no acabamento, responsável pelos tons terrosos e pelo brilho característico das peças após a queima (Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2019).

O clima semiárido de Iará também se revela fator natural relevante, uma vez que as altas temperaturas e a baixa umidade favorecem a secagem das peças, contribuindo para a eficiência do processo produtivo.

O modo de produção mantém caráter artesanal e tradicional: a argila é extraída, seca e peneirada manualmente; com ela, as peças são modeladas à mão livre, sem uso de torno; passam por secagem natural e, posteriormente, são submetidas à queima em fornos artesanais de chão alimentados com lenha. o processo preserva as técnicas ancestrais, conforme ilustrado nas Figuras 3, 4 e 5.

Figuras 3, 4 e 5 – Registro fotográfico do processo de fabricação da cerâmica de Irará obtido pelos autores em visita técnica *in loco*.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Essa convergência entre fatores naturais e técnicas de manipulação resulta em um produto com identidade própria, que o distingue de outras cerâmicas baianas, e se alinha ao conceito jurídico de Denominação de Origem previsto na Lei nº 9.279/1996. O dispositivo exige a vinculação essencial entre as qualidades do produto e o meio geográfico, relação que também está evidenciada nas etapas produtivas ilustradas nas Figuras 3, 4 e 5.

Apesar disso, a inexistência de estudos técnico-científicos que comprovem, em nível laboratorial, a influência da composição do barro local nas propriedades finais das peças de Irará, é lacuna relevante para seu reconhecimento como uma DO.

Os critérios relacionados à governança e ao controle de qualidade, que obtiveram pontuação nula, disposta nas variáveis quantitativas analisadas e no gráfico a seguir, indicam a inexistência de associações ou de regras técnicas padronizadas. Essa falta de organização, embora comum no artesanato, deve ser prontamente resolvida, pois, como alerta o SEBRAE (2005), a ausência de gestão coletiva atrapalha o ganho econômico e o acesso a políticas públicas.

O desempenho econômico recebeu pontuação baixa, refletindo a fragilidade financeira do setor. As ceramistas produzem em pequena escala, com pouca diversificação de canais de venda e dependência de feiras locais e atravessadores. Apesar disso, a atividade é essencial para a subsistência de muitas famílias, garantindo renda mínima e autonomia feminina.

A necessidade de proteção recebeu nota intermediária em razão de ocorrências de apropriação indevida, com a comercialização de produtos oriundos de Maragogipinho (BA) utilizando o nome “Cerâmica de Irará”. A proteção legal via Indicação Geográfica seria, portanto, uma ferramenta estratégica para valorizar e preservar o produto e sua origem.

Outro ponto relevante a mencionar é o critério de pesquisa envolvido, que obteve uma avaliação mediana pela falta de pesquisas técnico-científicas específicas sobre o barro e o processo produtivo.

Embora haja importantes estudos acadêmicos, como os de Santos (2010; 2014), o envolvimento de universidades e de instituições, como a Embrapa e o SEBRAE, com análises laboratoriais ou laudos de caracterização física e química da matéria-prima seria fundamental para dar suporte científico e auxiliar na produção do caderno de especificações técnicas da futura IG.

A identidade e o senso de pertencimento alcançaram pontuação máxima, evidenciando o orgulho das artesãs em manter viva a tradição. O sentimento de continuidade, aliado ao valor simbólico da atividade, reforça o papel das mulheres quilombolas como guardiãs dessa arte e da própria história, além de representar uma forma de enfrentamento às dificuldades econômicas e sociais.

A visão de futuro apresentada pelas artesãs também se mostrou bastante positiva para a organização coletiva, expansão e divulgação da produção em feiras estaduais e nacionais. Acreditam que a certificação como IG poderá trazer reconhecimento e oportunidades, contribuindo para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida local, perspectiva de futuro alinhada com o que Silva *et al.* (2025) defendem: a ideia de que as IGs artesanais têm potencial de transformação social e econômica, unindo tradição e sustentabilidade.

No entanto, um aspecto crítico a ser considerado diz respeito à continuidade do ofício entre as gerações mais jovens. Foram relatados sinais de desinteresse da juventude pela atividade, em razão da baixa remuneração e das condições precárias de trabalho. Esse dado representa risco real à reprodução da cadeia a médio e longo prazos e não pode ser negligenciado nas análises sobre o potencial de IG do produto.

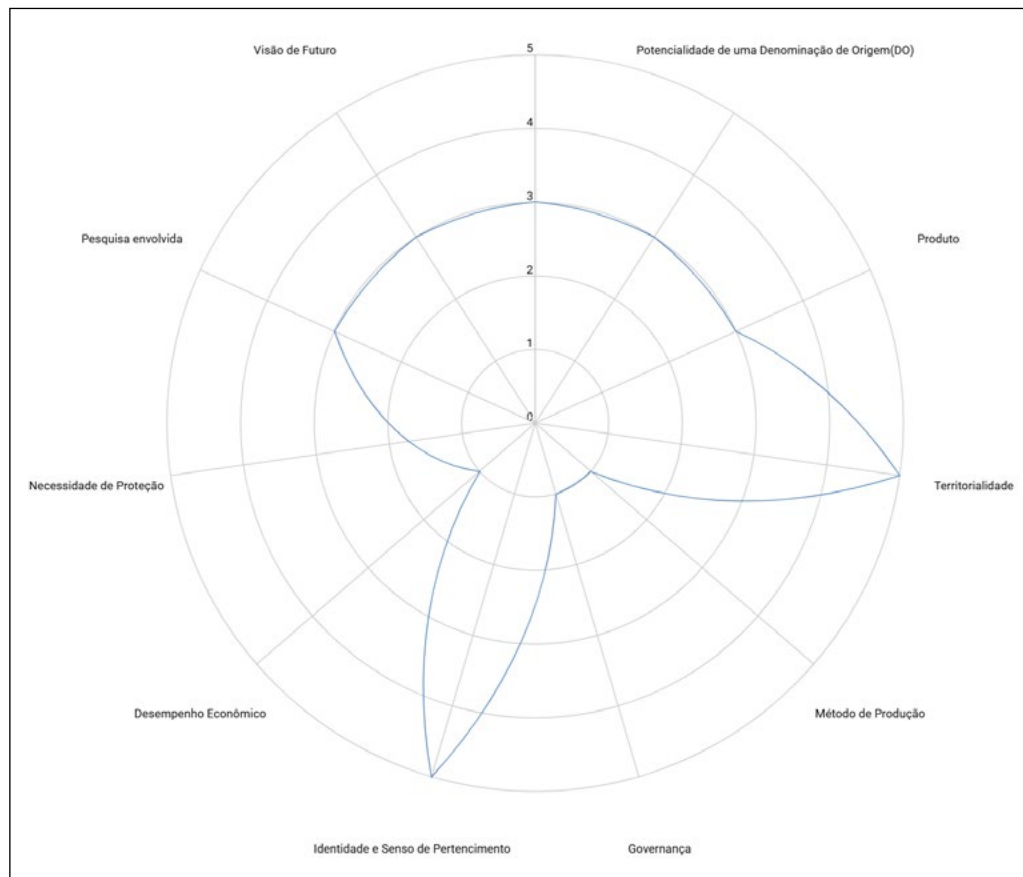
O método de produção e a cadeia produtiva receberam pontuação baixa, evidenciando que, embora o processo seja artesanal e de alto valor cultural, ainda há limitações em termos de estrutura física, tecnológica, regulação e padronização documentada. Ou seja, o fortalecimento dessa cadeia exigiria investimentos em capacitação, infraestrutura e organização produtiva.

Além disso, a cadeia produtiva é curta, baseada, em sua maioria, em unidades familiares. Isso significa que as próprias artesãs produzem e vendem suas peças, principalmente em feiras locais. No entanto, parte dessa comercialização ocorre por meio de intermediários (atravessadores), que compram os produtos por um valor mais baixo e os revendem ao consumidor final por preços mais elevados.

Como tratado anteriormente, outro problema relevante é a falta de preservação da origem das peças por alguns intermediários, nas feiras de Iará. A confusão provocada pela venda sem distinção de cerâmicas de outra localidade aos consumidores. Tal fato acaba enfraquecendo a identidade local da produção.

Para melhor visualização do diagnóstico percorrido, a Figura 6 apresenta um gráfico do tipo radar, construído a partir das respostas fornecidas pelos produtores entrevistados ao longo da pesquisa de campo. Por meio dele, torna-se possível identificar os pontos fortes, bem como os que ainda têm limitações ou fragilidades estruturais.

Figura 6 – Comparativo das variáveis quantitativas obtidas na pesquisa com os artesanatos obtidos através da avaliação das entrevistas seguindo os parâmetros da metodologia SEBRAE.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Cotejando as pontuações com os requisitos da Portaria nº 4/2022 do INPI, observa-se que: (a) os critérios de notoriedade e vínculo territorial atendem parcialmente às exigências de comprovação documental para o pleito de IP; (b) os critérios relativos ao vínculo entre as características do produto e o meio geográfico sustentam a argumentação para uma futura DO, mas dependem de comprovação técnico-científica ainda inexistente; e (c) os critérios de governança não são atendidos, o que inviabiliza, neste momento, o pedido formal de registro, pois a Portaria nº 4/2022 exige que a solicitação seja apresentada por entidade representativa com personalidade jurídica (Brasil, 2022).

Com base nos resultados, propõe-se um conjunto de ações orientadas para a construção progressiva das condições necessárias ao reconhecimento como IG. No curto prazo (6 a 12 meses), recomenda-se a constituição formal de associação de ceramistas, bem como o início do mapeamento e da documentação do processo produtivo.

No médio prazo (1 a 3 anos), sugere-se a elaboração do caderno de especificações técnicas, a realização de estudos de caracterização físico-química da argila em parceria com Universidades ou Embrapa, e a estruturação de canais diretos de comercialização. Por fim, no longo prazo (3 a 5 anos), propõe-se o pedido formal de IG ao INPI, aliado à políticas de desenvolvimento territorial e turismo cultural.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diagnóstico fundamentado no Método SEBRAE indicou que a cerâmica de Iará apresenta atributos técnicos compatíveis com uma futura Indicação Geográfica, na modalidade Denominação de Origem. Os critérios de Territorialidade e Identidade obtiveram pontuações elevadas devido à comprovação do vínculo geográfico e produtivo com a comunidade da Olaria. Além disso, a notoriedade do produto está documentada por fontes diversas, o que atende parcialmente ao requisito para esse fim.

Entretanto, o diagnóstico evidenciou fragilidades estruturais que inviabilizam o pleito formal neste momento. Para que a Indicação Geográfica se torne viável, o passo prioritário é a organização formal dos produtores em uma associação ativa, condição que precede e sustenta as demais etapas, visto que a Portaria nº 4/2022 exige que o pedido de IG seja apresentado por uma entidade representativa com personalidade jurídica, requisito primordial e não atendido pelos produtores locais.

Observam-se também limites na cadeia produtiva, destacando-se a dependência comercial de atravessadores, a ausência de padronização das peças, a falta de documentação do processo e a inexistência de laudos laboratoriais sobre a matéria-prima.

Como desdobramentos, pesquisas futuras devem priorizar a caracterização físico-química da argila local e a análise econômica da cadeia produtiva. Além disso, é necessário o levantamento de dados precisos sobre volumes de produção, fluxos de renda e o perfil da intermediação comercial.

Por fim, estudos comparativos com comunidades ceramistas também são indicados para ampliar o escopo analítico sobre os desafios estruturais e de mercado enfrentados por arranjos produtivos artesanais no país.

### REFERÊNCIAS

ALDEIA NAGÔ. **Documentário “Iará: entre sabores e saberes” é lançado no município**. 2024. Disponível em: <https://aldeianago.com.br/documentario-irara-entre-sabores-e-saberes-e-lancado-no-municipio/>. Acesso em: 9 nov. 2025.

BELLETTI, Giovanni; MARESCOTTI, Andrea. GIs and cooperatives: the role of GIs in development strategies for rural areas. In: BARHAM, Elizabeth; SYLVANDER, Bertil (Org.). **Labels of origin for food: local development, global recognition**. Wallingford: CABI, 2011. p. 75-92.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRASIL. Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996. **Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 maio de 1996.

BRASIL. Portaria nº 4, de 13 de janeiro de 2022. **Define parâmetros para o reconhecimento de Indicação Geográfica**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 14 jan. 2022.

CRESCENZI, Riccardo; DE FILIPPIS, Fabrizio; GIUA, Mara *et al.* **Geographical indications and local development: the strength of territorial embeddedness**. *Regional Studies*, v. 56, n. 3, p. 381–393, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Irará (BA) | Censo Demográfico 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/irara/panorama>. Acesso em: 19 out. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL (INPI). **Manual de indicações geográficas**. Rio de Janeiro: INPI, 2021.

JORNAL GRANDE BAHIA. **Cerâmica de Irará em exposição no Instituto Mauá**, Pelourinho. 10 ago. 2010. Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2010/08/ceramica-de-irara-em-exposicao-no-intituto-maua-pelourinho/>. Acesso em: 1 nov. 2025.

MADUREIRA, Adilma Gomes de Carvalho. Histórias imaginárias para fomentar o desejo de empreender. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 107-115, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.rigs.ufba.br>. Acesso em: 25 out. 2025.

MAYNART, Georgina. **Da mandioca à cerâmica: mostra traz saberes tradicionais de Irará para Salvador**. Correio 24 Horas, Salvador, 5 maio 2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/da-mandioca-a-ceramica-mostra-traz-saberes-tradicionais-de-irara-para-salvador-0519>. Acesso em: 1 nov. 2025.

MELLO, Carla Isadora; FROEHLICH, José Marcelo. **Território feito à mão: O artesanato como expressão identitária em comunidades remanescentes quilombolas**. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, Santa Cruz do Sul, v. 10, n. 2, 2022. Dossiê “Artesanatos e Territórios”. DOI: <https://doi.org/10.15210/tessituras.v10i2.4885>. Acesso em: 18 out. 2025.

MENAPACE, Luisa; MOSCHINI, GianCarlo. **The economics of geographical indications: an update.** *Annual Review of Resource Economics*, v. 16, n. 1, p. 83–104, 2024. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev-resource-101623-092812>. Acesso em: 18 mar. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa.** 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. **Comunidades Quilombolas do Portal do Sertão da Bahia: Direito, Território e Identidade.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2014. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6241/1/JUCELIA\\_BISPO\\_SANTOS.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6241/1/JUCELIA_BISPO_SANTOS.pdf). Acesso em: 27 out. 2025.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. **Etnicidade e Memória entre Quilombolas em Iará - Bahia.** 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade Federal da Bahia. Salvador. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8663/1/dissertacao\\_jucelia.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8663/1/dissertacao_jucelia.pdf). Acesso em: 20 out. 2025.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. **Relações de Gênero e Produção de Cerâmica na Comunidade Quilombola da Olaria, em Iará-Bahia.** *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 134-147, jan./jul. 2010a. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1036>. Acesso em: 17 out. 2025.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. **Território, Direito e Identidade: uma análise da comunidade quilombola da Olaria em Iará, Bahia.** *Revista Antíteses*, Londrina, v. 3, n. 5, 2010b. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/2989/1/3193-19560-1-PB.pdf>. Acesso em: 16 out. 2025.

SEBRAE. **Guia para diagnóstico de uma potencial indicação geográfica – Guia do Consultor.** Brasília, DF: SEBRAE, 2021.

SEBRAE. **Metodologia para Identificação de Potenciais de Indicações Geográficas Brasileiras.** Brasília, DF: SEBRAE, 2020.

SEBRAE. **Valorização de produtos com diferencial de qualidade e identidade: indicações geográficas e certificações para competitividade nos negócios.** Brasília: Sebrae, 2005.

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA. **Movimento cultural Viva Irará promove homenagem às ceramistas do município.** Bahia: gov.ba, 18 jan. 2019. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/cultura/noticia/2024-02/56573/movimento-cultural-viva-irara-promove-homenagem-ceramistas-do-municipio>. Acesso em: 1 nov. 2025.

SILVA, Geraldo Magela Martins da; QUINTELLA, Cristina Maria. **Metodologia da pesquisa científico-tecnológica e inovação.** Salvador: EDUFBA, 2021.

SILVA, Guilherme da; LIMA, Ronan Barbosa de; SOUSA, Neurivania Lopes; SILVA, Marina Bezerra da; MELO, Aritana Sousa Dutra de; CAMELO, Antonio Nilson; XAVIER, Ana Claudia Galvão. **Relato de experiência sobre as vivências proporcionadas por um projeto de diagnóstico de indicação geográfica para o artesanato da Comunidade Quilombola dos Potes.** Revista Tecnologia e Sociedade, Curitiba, v. 21, n. 65, p. 1-22, jul./set. 2025. DOI: 10.3895/rts.v21n64.19751. Acesso em: 17 out. 2025.

TÖRÖK, Á.; JANTYIK, L.; MARÓ, Z.; MOIR, H. Understanding the real-world impact of geographical indications: a critical review of the empirical economic literature. *Sustainability*, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su12229434>. Acesso em: 18 mar. 2026.

TV OLHOS D'ÁGUA – TV UEFS. **Moradores de Irará transformam barro em artesanato.** YouTube, 2010. 1 vídeo (4 min 11 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6bndzqYmsBM>. Acesso em: 1 nov. 2025.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

PLUG CULTURA. **Sala do Artista Popular apresenta a cerâmica de Irará.** 10 ago. 2010. Disponível em: <https://plugcultura.wordpress.com/2010/08/10/sala-do-artista-popular-apresenta-a-ceramica-de-irara/>. Acesso em: 1 nov. 2025.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ADAPTADO DO SEBRAE UTILIZADO NA PESQUISA

<b>Critério</b>	<b>Questão SEBRAE original</b>	<b>Questão SEBRAE adaptada</b>
Potencialidade de uma IP	QUESTÃO 1 - Existem evidências históricas e de mercado que são capazes de comprovar que o nome geográfico analisado é reconhecido pelos consumidores como centro produtor, extrator ou fabricante de determinado produto?	QUESTÃO 1- As pessoas de fora já conhecem ou reconhecem Irará como um lugar famoso por produzir esse tipo de cerâmica? (ex.: já ouviram falar, vêm comprar aqui, dizem que “a cerâmica de Irará é boa” etc.)
Potencialidade de uma DO	QUESTÃO 2 - Existem evidências ou possibilidades de comprovação do vínculo das qualidades ou características do produto com o meio geográfico analisado, incluindo os fatores naturais, relacionados ao meio ambiente, e o saber-fazer dos produtores?	QUESTÃO 2- A qualidade da cerâmica daqui tem a ver com as condições do lugar (tipo de barro, clima, ambiente) ou com o jeito especial que vocês fazem (tradição, conhecimento passado de geração em geração)? Pode explicar?
Produto	QUESTÃO 3 - Quais são as características/qualidades do produto vinculado à área geográfica indicada?	QUESTÃO 3 - Quais são as principais características da cerâmica feita aqui? (ex.: cor, resistência, beleza, estilo, uso)
	QUESTÃO 4 - Existem derivados do produto produzidos na área geográfica indicada? Se sim, quais são?	QUESTÃO 4 - Além do produto principal, vocês fazem outros tipos derivados? (ex.: peças decorativas, utilitárias, tijolos, painéis etc.)
	QUESTÃO 5 - O produto possui características/qualidades que lhe atribuem reputação de mercado e diferenciação em relação a outros produtos disponíveis no mercado? Se sim, quais são?	QUESTÃO 5 - A cerâmica daqui tem alguma diferença que faz ela ser mais valorizada ou conhecida do que as de outros lugares? Quais são essas diferenças?
	QUESTÃO 6 - Desde quando o produto é produzido na área geográfica? Quais evidências históricas existem da produção desse produto na área geográfica indicada?	QUESTÃO 6 - Há quanto tempo se produz cerâmica aqui? Tem alguma história ou prova antiga disso (ex.: tradição de família, registros, relatos antigos, festas tradicionais etc.)?
	QUESTÃO 7 - O produto/processo produtivo atende às regulamentações legais (sanitária, ambiental, segurança, entre outras)?	QUESTÃO 7 - A produção de vocês segue regras ou leis (ex.: ambientais, de saúde, segurança do trabalho, vigilância sanitária)? Quais?
Territorialidade	QUESTÃO 8 - Existe uma área geográfica específica que é reconhecida pelo mercado como centro produtor/extrator/fabricante do produto? Qual a abrangência e qual o tamanho aproximado dessa área geográfica?	QUESTÃO 8 - Existe uma parte específica de Irará ou da região que é mais conhecida por fazer cerâmica? Qual é essa área e qual o tamanho aproximado?
	QUESTÃO 9 - Quais etapas do processo produtivo (produção no campo, processamento, beneficiamento, embalagem e distribuição) são executadas na área geográfica indicada?	QUESTÃO 9 - Quais partes da produção são feitas aqui na região? (ex.: retirada do barro, modelagem, queima, acabamento, venda)
	QUESTÃO 10 - Os produtores, extratores ou fabricantes do produto estão todos sediados na área geográfica indicada?	QUESTÃO 10 - Os produtores de cerâmica estão todos nessa área (Irárá ou regiões próximas) ou tem gente de fora também?
Método de Produção/ Cadeia Produtiva	QUESTÃO 11 - Existe, por parte dos produtores/extratores/fabricantes ou na cadeia produtiva, uma prática comum ou um modo tradicional de produção/extração/fabricação que define a forma de fazer o produto? Está documentado ou na cabeça dos produtores?	QUESTÃO 11 - Existe um jeito tradicional ou parecido que todos usam para produzir a cerâmica? Esse modo está escrito em algum lugar ou é conhecimento passado “de cabeça” (de geração em geração)?
	QUESTÃO 12 - Existe um sistema de controle de qualidade da produção/extração/fabricação praticado na área geográfica? Se sim, como é realizado esse controle? Está documentado?	QUESTÃO 12 - Vocês têm algum controle para garantir que as peças saiam com boa qualidade? Como fazem isso?
	QUESTÃO 13 - Como se comporta a cadeia produtiva do produto na área geográfica indicada? Como se dá a relação comercial entre os elos da cadeia produtiva?	QUESTÃO 13 - Como é a relação entre as pessoas envolvidas na produção? (ex.: quem fornece o barro, quem produz, quem vende — trabalham juntos, têm acordo, é cada um por si?)

<b>Critério</b>	<b>Questão SEBRAE original</b>	<b>Questão SEBRAE adaptada</b>
Governança	QUESTÃO 14 - Existe uma organização na área geográfica que representa a coletividade dos produtores/extratores/fabricantes? Se sim, essa organização é formalizada? Possui estatuto que consolida seu papel de representação dos interessados na produção do produto na área geográfica indicada?	QUESTÃO 14 - Existe alguma associação, cooperativa ou grupo que representa os produtores de cerâmica daqui? Ela é organizada com estatuto ou regras próprias?
	QUESTÃO 15 - Atualmente, como está a atuação dessa entidade quanto à representatividade do conjunto de produtores/extratores/fabricantes da área geográfica indicada?	QUESTÃO 15 - Essa associação (ou grupo) tem funcionado bem para representar todos os produtores?
	QUESTÃO 16 - Existem outras organizações que concorrem com a representatividade dos produtores/extratores/fabricantes na área geográfica?	QUESTÃO 16 - Existem outros grupos que também tentam representar os produtores NA REGIÃO?
	QUESTÃO 17 - Como se dá a interação e o relacionamento entre os produtores/extratores/fabricantes do produto na área geográfica indicada?	QUESTÃO 17 - Como é a relação entre os produtores? (ex.: trabalham juntos, compartilham informações, há união ou competição?)
Identidade e Senso de Pertencimento	QUESTÃO 18 - Quais os valores, crenças e princípios dos produtores e lideranças da área geográfica indicada orientam a produção e a relação com os consumidores e a comunidade?	QUESTÃO 18 - Quais são os valores ou costumes importantes para vocês no trabalho com cerâmica e na relação com os clientes e com a comunidade?
	QUESTÃO 19 - Há sentimento de autoestima dos produtores em pertencer à área geográfica indicada, capaz de gerar um engajamento positivo no desenvolvimento do território?	QUESTÃO 19 - Vocês sentem orgulho de produzir cerâmica aqui em Ipirá? Isso ajuda a unir os produtores e fortalecer a região?
Desempenho econômico	QUESTÃO 20 - Qual as quantidades de produtores/extratores/indústrias estão envolvidos em cada etapa de produção na área geográfica?	QUESTÃO 20 - Quantas pessoas ou famílias estão envolvidas em cada parte da produção (extração, produção, venda)?
	QUESTÃO 21 - Qual o volume de produção do produto na área geográfica indicada? Qual a participação da produção na área geográfica em relação ao volume de produção do produto no estado e no país?	QUESTÃO 21 - Qual é, mais ou menos, a quantidade de cerâmica produzida por ano, mês ou dia aqui? E como isso se compara com outras regiões ou com a produção do estado?
	QUESTÃO 22 - Qual o valor monetário (R\$) da produção anual do produto na área geográfica?	QUESTÃO 22 - Qual é, mais ou menos, o valor em dinheiro que a produção movimenta por ano, mês ou dia?
Necessidade de Proteção	QUESTÃO 23 - Existem evidências de falsificações do produto no mercado com o uso do nome geográfico por outros produtores que estão fora da área geográfica?	QUESTÃO 23 - Tem gente de fora tentando vender cerâmica usando o nome de Ipirá, sem ser da região?
	QUESTÃO 24 - Os compradores do produto da área geográfica indicada têm exigido garantia de origem como requisito de compra?	QUESTÃO 24 - Os compradores pedem algum tipo de prova de que a cerâmica é realmente feita em Ipirá?
Pesquisa Envolvida	QUESTÃO 25 - Existem fatores naturais, tais como fatores ambientais, que influenciam nas características e qualidades do produto?	QUESTÃO 25 - As condições naturais (ex.: barro, clima, ambiente) influenciam na qualidade da cerâmica daqui?
	QUESTÃO 26 - Existem fatores humanos, tais como o saber-fazer dos produtores, que influenciam nas características e qualidades do produto?	QUESTÃO 26 - O jeito especial e tradicional de fazer a cerâmica também influencia na qualidade?
	QUESTÃO 27 - Existem estudos técnico-científicos de Instituições de Ciência e Tecnologia (ICTs) que podem comprovar o vínculo do produto com o meio geográfico? Quais são?	QUESTÃO 27 - Existem estudos ou pesquisas feitos por universidades ou institutos que mostram essa ligação da cerâmica com o território? Quais?
	QUESTÃO 28 - Quais ICTs estão envolvidas ou podem ser envolvidas na realização de estudos técnico-científicos para comprovar o vínculo do produto com o meio geográfico?	QUESTÃO 28 - Quais instituições (universidades, centros de pesquisa, etc.) já participaram ou poderiam participar dessas pesquisas?
Visão de Futuro	QUESTÃO 29 - Quais são as metas dos produtores/extratores/fabricantes da área geográfica indicada em relação ao alcance de mercados (regional, nacional, internacional) para o produto?	QUESTÃO 29 - Quais são os planos de vocês para o futuro? Querem vender mais no estado, no Brasil ou até para fora do país?
	QUESTÃO 30 - Quais são as metas dos produtores/extratores/fabricantes da área geográfica indicada em relação ao desenvolvimento do território?	QUESTÃO 30 - Quais são os planos para melhorar a região e fortalecer o setor da cerâmica daqui?